

T. 12601/8

HISTÓRIA DA GRANDE RAÍNHA
DONA FELIPA DE LENCASTRE
E DOS
PREPARATIVOS DE GUERRA



R. 1408

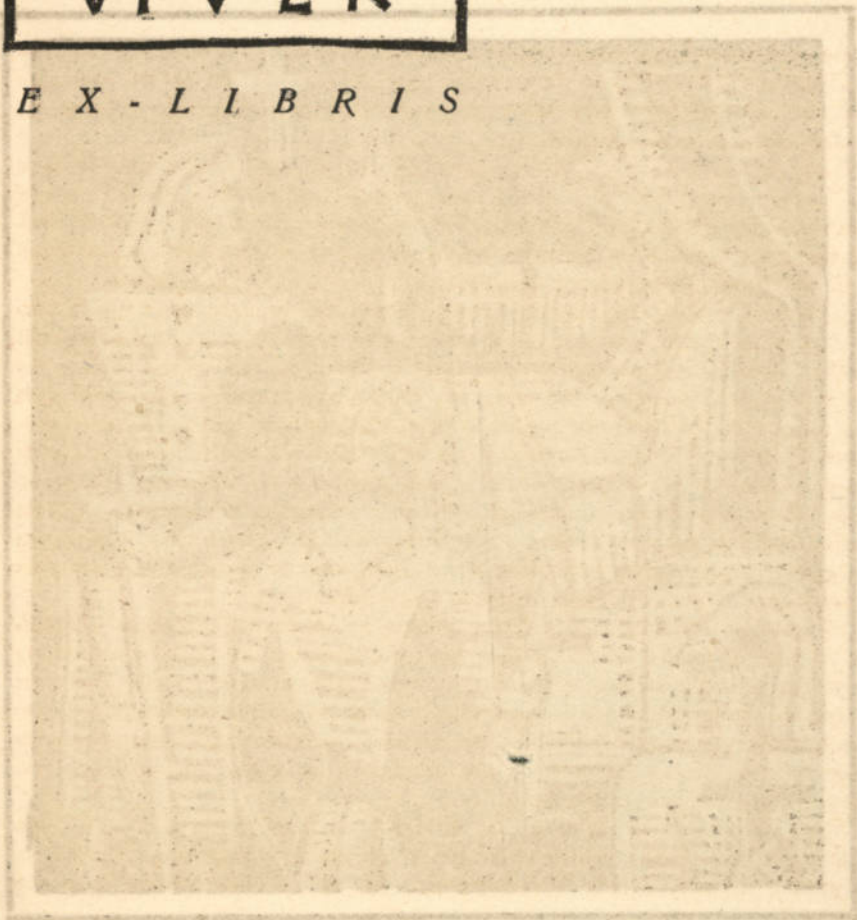


COLECÇÃO PATRIA—LIVRO NÚMERO QUINZE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1939

I 12601¹⁸

LIVRO QUINZE

HISTÓRIA DA GRANDE RAINHA DONA FELIPA DE LENCASTRE E DOS PREPARATIVOS DE GUERRA

Os três filhos mais velhos de el-rei Dom João I de Portugal, os infantes Dom Duarte, Dom Pedro e Dom Henrique, não cabiam em si de contentes desde que seu pai prometera fazer-lhes a vontade e empreender a conquista da cidade de Ceuta aos moiros.

Eram todos três muito novos; Dom Duarte ia nos vinte e dois anos e Dom Henrique nos vinte. E novos como eram, e ardentes, e cheios daquela vontade que os abrasava de conquistar em perigosos combates as suas esporas de cavaleiros, custava-lhes a suster a impaciência que lhes fervia no sangue.

El-rei mandou-os chamar e disse-lhes:

— Meus filhos, a empresa de Ceuta é cousa tão grave e séria que a não quero tratar à ligeira, mas sim depois de muito pensar. A rainha vossa mãe e minha adorada senhora, ainda não sabe a minha tenção. Pelas suas altas virtudes é ela tão amada e respeitada por toda a gente, que se não obtivermos a sua aprovação, não teremos connosco nem fidalgos nem povo. E se o condestável Dom Nuno Álvares Pereira, — depois de tudo que tem feito por nós e de tanto que todos os portugueses devem à sua bravura e ao seu juízo, — nos não apoiar, ninguém neste reino, quer grandes quer pequenos, nos apoiará. E esta empresa de Ceuta para ser levada a bom fim precisa de duas cousas: a primeira é um grande segredo para os moiros serem apanhados de surpresa; e a segunda é a vontade e o gosto de toda a gente desta nossa terra.

Ficaram os infantes muito desconsolados ao ouvir tais palavras. Diziam entre si que a rainha, como mulher que era e extremosa mãe, não poderia desejar que seus filhos, sem necessidade urgente, fôsem arriscar suas vidas em empresa tão perigosa; e que o condestável, sendo já homem de idade e tendo passado toda a vida em trabalhos de guerras, se encontrava agora coberto de honras e glórias e gozando de um descanso bem ganho que não queria quebrar com trabalhos escusados.

Mas, a-pesar-da sua pouca idade, os infantes tinham já em si aquela força de alma que mais tarde veio a fazer deles tão grandes príncipes. Cheios da sua razão e da sua vontade, foram ter com sua mãe e contaram-lhe tudo que era passado.

A rainha, sentada entre os filhos, escutou-os com muita atenção; e quanto mais os escutava mais lhe crescia no coração um santo orgulho ao ver que os infantes eram dignos do bom sangue que lhes corria nas veias. Por fim respondeu-lhes assim:

— Meus filhos, o meu amor por vós é muito grande; maior ainda do que o amor natural de uma mãe pelos seus filhos. E isto pelo amor e respeito que tenho por vosso pai e pelas suas tão altas e raras virtudes, e pelo amor que êle me tem a mim, tão leal e tão firme; e em segundo lugar, por vós serdes tão perfeitos de alma como de corpo e tão dignos em tudo da fama tão alta que herdastes dos vossos avós. Por estes motivos eu prezo mais a vossa honra do que a vossa própria vida. Alegra-se o meu coração ao ver a vossa vontade de serdes armados cavaleiros depois de o merecerdes com provas de bravura e riscos de vida, como convém a príncipes da vossa linhagem. E creio que não podereis ter melhor ensejo de fazer valer vossos merecimentos que nesta empresa de Ceuta onde combatareis contra os inimigos da nossa Santa Fé. Hoje mesmo falarei a el-rei e lhe direi quanto aprovo o vosso propósito.

Ajoelharam os três infantes aos pés da rainha e beijaram-lhe as mãos. A sua admiração era tamanha diante da grandeza de alma de sua mãe, que nem encontravam palavras com que lhe agradecer tão nobre resposta.

Faltava agora o condestável Dom Nuno Álvares Pereira. Mas as terras do condestável eram no Alentejo e êle encontrava-se em Arraiolos onde residia quasi sempre. Como toda aquella empresa de Ceuta devia ser tratada com grande segredo, não convinha que el-rei mandasse chamar o condestável, pois toda a gente desconfiaria logo que havia no ar cousa importante.

De combinação com os infantes, resolveu el-rei que Dom Duarte e Dom Henrique organisassem uma caçada para as bandas do Alentejo, e êle ordenaria outra e, como por acaso, se encontrassem perto de Arraiolos e achassem maneira assim de falar com o condestável sem levantar desconfianças.

Naqueles tempos, quando el-rei ou os infantes, ou qualquer grande fidalgo, resolviam fazer uma caçada, era motivo de muito alvoroço e prazer para todos. Iam a monte, com toda a sua gente e criadagem, tendas para acampamentos, cavalos bem ensinados, matilhas de cães, falcões e outras aves caçadeiras. Matavam caça grossa e miúda, de pena ou de pêlo, grandes veados e porcos monteses, que os havia muito bravios e perigosos por aquêles bosques e charnecas. Estas caçadas levavam semanas e até meses e nelas os fidalgos faziam altas proezas, e era grande divertimento para todos. Desde muito novos se exercitavam nestas cousas de caçadas e montarias, e tanto que fidalgo que não fôsse valente e habilidoso nestas cousas, ganhava má fama.

Tudo se fêz como ficara combinado e, quando el-rei e os infantes se encontraram perto de Arraiolos e o condestável lhes veio falar e os recebeu em sua casa, ninguém teve desconfiança alguma.

Apartou-se el-rei com os filhos e o condestável e com vagar lhe contou tudo que se passara. O condestável escutou tudo e, depois de se ficar a cismar algum tempo, respondeu assim a el-rei:

— Parece-me a mim, senhor, que a idea desta empresa de Ceuta não foi achada por vós nem por nenhuma outra pessoa deste mundo, mas vos foi mandada por Deus a-fim-de vos dar azo a lhe fazerdes grande serviço.

Ao ouvirem estas palavras, el-rei e os infantes ficaram muito contentes.

Agora viam que teriam por si o condestável, e os infantes já se cuidavam com a armada defronte de Ceuta. O condestável ao reparar na alegria que lhes brilhava nos rostos afogueados, disse-lhes, a rir:

— A'vante para Ceuta, meus senhores! que aí, com a ajuda de Deus que nos guiará, ganhareis com honra vossas esporas de cavaleiros!

Dom Henrique, todo trémulo de entusiasmo, voltou-se para el-rei:

— Senhor, tôdas as vossas dúvidas estão agora vencidas. Temos connosco a santa bênção da rainha e a grande espada do condestável; teremos connosco todos os corações de Portugal. Quando partimos, meu senhor?

El-rei e o condestável ao verem aquêlo rosto onde a barba mal apontava, tão ardente de entusiasmo e de fé, largaram-se a rir. Lembravam-se dos seus tempos e sentiam-se tão prontos para a batalha como dantes.

Voltando el-rei a seus paços, começou logo a ordenar cousas necessárias para a campanha, mas com muito cuidado e devagar para não levantar suspeitas de guerra. Chegando-se o tempo da Páscoa, mandou recado aos fidalgos do seu Conselho para se juntarem com êle depois das festas, dizendo-lhes que precisava de os ouvir sôbre vários negócios do reino.

Partiu então el-rei de Sintra, com todo o seu acompanhamento, a cavalo, caminho de Tôrres Vedras, onde se devia reunir o Conselho. Quando chegou a Carnide, o infante Dom Henrique foi ter com êle e, procurando-o a sós no seu aposento, disse-lhe:

— Senhor, antes que vossos preparativos para a campanha de Ceuta vão mais adiante, venho pedir-vos, por grande mercê, que me concedais dois favores: que seja eu um dos primeiros a saltar em terra de África; e, quando a vossa escada real fôr encostada aos muros de Ceuta, que seja eu o primeiro a subir por ela.

El-rei olhou para o filho com a cara cheia de riso e bateu-lhe no ombro, dizendo:

— Sossegai, sossegai... tudo virá a seu tempo. E' cedo ainda para fazer tais promessas, mas não esquecerei vossos pedidos.

Um dos primeiros fidalgos a chegar a Tôrres Vedras para o Conselho, foi o condestável Dom Nuno Álvares Pereira. Conversando el-rei com êle, disse-lhe o cuidado em que estava receando que os fidalgos do Conselho não aprovassem a emprêsa de Ceuta.

— Senhor, respondeu o condestável, parece-me que o melhor remédio contra essa dúvida será que Vossa Alteza lhes apresente a emprêsa de Ceuta como cousa já determinada e firme. Pedi-lhes conselho sôbre a melhor maneira de a levar a cabo; e deixai-me falar antes de mais ninguém que eu cá me arranjarei para os meter em bom caminho.

Quando chegou o dia do Conselho, a primeira cousa que el-rei disse aos fidalgos ali reunidos foi que, antes de mais nada, fizessem um juramento de grande segredo e que, nem por palavra dita ou escrita, deixassem adivinhar fôsse a quem fôsse, o que ali se ia falar.

E todos fizeram juramento sôbre os Evangelhos e sôbre a Cruz.

Então el-rei disse-lhes a sua tenção de ir tomar a cidade de Ceuta aos moiros e a razão que a tal feito o levava.

Quem devia de falar depois de el-rei, era o infante Dom Duarte; mas o infante, que estava na combinação, pediu ao condestável que falasse primeiro, e êste levantou-se e disse assim:

— Não encontro palavras, Senhor, com que vos represente a minha admiração, pois esta emprêsa de Ceuta se me afigura inspiração de Deus para ensino dos infiéis e engrandecimento de vossa honra e desta nossa terra de Portugal. Quanto à maneira de levar tal emprêsa a bom fim, o meu conselho é que entregueis tudo nas mãos de Deus, pois Ele sabe melhor que nós todos o que convirá fazer. Eu, por mim, senhor, só o que tenho a dizer é que, assim como vos servi em tôdas as outras cousas da vossa vida, assim vos servirei nesta, confiado na ajuda de Deus que nunca nos faltou.

E, acabando de falar, foi ajoelhar diante de el-rei Dom João e, beijando-lhe a mão, disse:

— Faço-vos esta reverência, meu senhor, para vos agradecer mais esta ocasião que me ofereceis de vos servir, dando assim uso ao officio de cavaleiro em que, por sua mercê, Deus me pôs.

Falou depois Dom Duarte e, a seguir, os outros dois infantes; e todos três apoiaram com muito fervor as palavras do condestável e foram, como êle, ajoelhar defronte de el-rei e beijar-lhe a mão, dizendo que ao seu serviço, ao serviço de Deus e da terra de Portugal, ofereciam seus corações e suas vidas.

Depois disto, que haviam de fazer os outros fidalgos do Conselho? Ficaram-se um bocado calados, considerando no que acabavam de ouvir; e de repente um deles, chamado João Gomes da Silva, um homenzarrão forte como um touro, que andara em tôdas as guerras contra Castela, ao lado de el-rei e do condestável; e que, além de muito valente, era conhecido pelo seu génio sempre alegre, levantou-se e disse a el-rei em voz alta e firme:

— Quanto a mim, meu senhor, não encontro mais para dizer senão...

E, voltando-se para os outros fidalgos, gritou:

— A'vante contra Ceuta, cabeças grisalhas!

Largaram-se todos a rir como um bando de rapazes. Todos tinham já bastos cabelos brancos; mas aquêlê grito de João Gomes da Silva trouxe-lhes à memória o tempo das batalhas e vitórias da sua mocidade e acordou-lhes no sangue o antigo fervor e entusiasmo. A idea da nova aventura encheu-lhes os corações de contentamento.

Poucos dias depois, reuniu el-rei de novo o seu Conselho para combinar a melhor maneira de fazer todos os preparativos necessários sem levantar a desconfiança dos moiros de Ceuta.

Ora, pouco tempo antes, uns navios de mercadores portuguezes passando em portos da Holanda, tinham sido roubados; e, como era preciso achar pretexto para uma guerra, os do Conselho de el-rei propuseram mandar fingidamente desafiar o duque da Holanda.

Escolheu el-rei um homem esperto, chamado Fernão Fogaça, que era governador da casa do infante Dom Duarte e pessoa de tôda a confiança, para levar o desafio de guerra ao duque. E logo naquele Conselho se determinou

começar já os preparativos da expedição a Ceuta, fingindo que se preparava guerra contra a Holanda; e isto com o fim de tudo estar pronto para o próximo S. João.

Apenas Fernão Fogaça chegou ao seu destino, mandou recado ao duque dizendo que vinha como embaixador de el-rei Dom João I de Portugal e lhe pedia que destinasse dia e hora para o receber. O duque respondeu-lhe que fôsse para sua pousada por enquanto e que lá lhe mandaria dizer quando poderia ouvir sua embaixada.

Apenas se acomodou na sua pousada, Fernão Fogaça mandou secretamente um outro recado ao duque, dizendo que precisava muito falar-lhe a sós e às escondidas antes de lhe apresentar sua embaixada. O duque logo entendeu que se tratava de alguma mensagem secreta de el-rei Dom João; e, à noitinha, mandou dois cavaleiros da sua confiança à pousada de Fernão Fogaça a fim de o trazerem encobertamente à sua presença. Este, apenas se viu a sós com o duque, contou-lhe tudo que era passado com respeito à empresa de Ceuta e explicou-lhe como era preciso grande segredo para os moiros não desconfiarem. E continuou assim:

— A minha embaixada a Vossa Senhoria é um fingimento; venho aqui a queixar-me, em nome de el-rei de Portugal, de roubos feitos por holandeses em navios de mercadores portugueses e, se a razão me não fôr dada, devo desafiar Vossa Senhoria e declarar-lhe guerra. El-rei Dom João de Portugal, que é muito amigo de Vossa Senhoria, não pensa em lhe fazer guerra, e o que lhe pede é que responda de maneira que a guerra possa ser declarada, isto só para que tôda a gente cuide que os preparativos que se fazem em Portugal, são para batalha entre cristãos, e os moiros não tenham suspeita.

O duque achou muito boa esta invenção e respondeu que estava pronto a dar sua ajuda a el-rei de Portugal em tudo que pudesse, pois o tinha em grande estima e admiração; e a conquista de Ceuta era cousa que interessava a tôda a Cristandade; e que el-rei Dom João podia contar com êle e com o seu segredo.

Assim o duque mais Fernão Fogaça combinaram tudo muito bem; e Fernão Fogaça retirou-se todo contente para a sua pousada.

Quando o duque marcou dia para receber o embaixador de el-rei de Portugal, reuniram-se no palácio todos os conselheiros e tôda a côrte com grande aparato, e diante desta brilhante assemblea, Fernão Fogaça, mui ricamente vestido e com seu acompanhamento, apresentou com fingida soberba, em nome do seu rei e senhor, suas queixas e ameaças. O duque respondeu logo que não aceitava tais queixas e que se el-rei de Portugal lhe queria fazer guerra, que a fizesse, pois os holandeses saberiam defender-se e êle não tinha medo de tal batalha, nem que as forças portuguesas fôssem dez vezes maiores do que eram.

Os conselheiros e fidalgos dividiram-se em dois campos, uns apoiando o duque, e outros falando-lhe em segredo e pedindo-lhe que não fôsse tão áspero pois Dom João de Portugal era um grande rei e dispunha de muitas forças de guerra.

Fernão Fogaça saíu da sala com semblante carregado, mas todo satisfeito com o bom resultado da sua verdadeira embaixada. Logo nessa noite o mandou

o duque buscar em segredo e disse-lhe que agradecesse muito da sua parte a el-rei de Portugal a confiança com que o honrara e que lhe mandava muitos cumprimentos e os protestos da sua firme amizade; e que sempre e em tudo estaria pronto para o servir.

Desta maneira, quando el-rei Dom João ordenou os grandes preparativos para a sua empresa de Ceuta, já andavam no ar muitos boatos a respeito da guerra contra a Holanda, e ninguém pensou sequer nos moiros.

Para juntar a gente de guerra, arrolar homens e cavalos, tratar de equipagens, vestuários e tudo o mais que era preciso para tal expedição, dividiu el-rei o trabalho por três dos seus filhos, ficando as províncias do norte ao cuidado do infante Dom Henrique que devia embarcar sua gente no Pôrto; e ao conde de Barcelos, Dom Afonso, foi destinado o mesmo trabalho na Estremadura e parte do Alentejo; e todo o sul de Portugal ficou ao cuidado do infante Dom Pedro.

Dom Duarte ficou encarregado da justiça e da fazenda de todo o reino, enquanto el-rei seu pai empregava seu tempo e cuidados em tratar de tudo que respeitava à armada, artilharias e todos os armamentos.

Tinha o infante Dom Duarte apenas vinte e dois anos, quando assim tomou conta da justiça e da fazenda do reino; e como estes dois trabalhos são muito grandes e de muita responsabilidade, tomou-os com tal cuidado e atenção que a êles dava todo o seu tempo, cabeça e coração. Levantava-se antes do sol nascer e, ouvindo sua missa, logo se entregava ao trabalho sem descanso até ao meio dia.

Pouco tempo levava a comer e logo começava as suas audiências; o trabalho era tanto que o levava pela noite dentro de modo que pouco tempo lhe restava para dormir. Assim lhe veio uma doença de cansaço e melancolia que muito o atormentava mas que nunca o impediu de fazer seu trabalho. Essa doença que chamavam de melancolia, torna os homens impacientes, rudes, e dá-lhes um grande desejo de solidão; mas Dom Duarte era tão bom e amável por natureza e tinha tanta força sobre si mesmo, que nunca mostrou a ninguém mau modo nem falta de paciência para aturar fôsse quem fôsse.

Quem poderia naquele tempo, em terras de Portugal, falar de outra coisa que não fôsse armas e preparativos de guerra? De norte a sul, não havia, a bem dizer, quem não trabalhasse com êsse fim ou quem tivesse outro cuidado.

Mandara el-rei homens competentes por toda a costa da Galiza e da Biscaia, e à Inglaterra e à Alemanha fretar navios grossos, quantos se pudessem achar. E agora já toda a gente sabia que el-rei dera o comando aos seus dois filhos Dom Pedro e Dom Henrique.

Onde se via mais claro o tráfego dos preparativos era nas cidades de Lisboa e Pôrto e seus arredores. Tal era o trabalho que, em dias de calmaria, se ouvia a léguas de distância o bater dos martelos e o cortar das serras. De Lisboa até ao Ribatejo as margens do rio estavam cobertas de gente e de naus e navios e nos estaleiros andavam de noite e de dia carpinteiros, calafates e outros oficiais construindo barcos novos e consertando os antigos.

E viam-se centenas de bois e vacas mortas e gente em volta que os esfolava e cortava e salgava e metia a carne em barris.

Os pescadores e suas mulheres abriam e salgavam peixe e acamavam-no em vasilhas para embarcar.

Dia e noite as fornalhas estavam acesas na casa da moeda e o barulho do martelar do metal era tamanho que nem se ouvia a voz dos homens.

Os tanoeiros não tinham descanso em consertar vasilhas e fazê-las novas a-fim-de acomodar tanta carne, peixe, vinho e azeite para embarcar.

Os alfaiates e tosadores não paravam, preparando panos e fazendo librés de diversas maneiras e côres, segundo os fidalgos lhos encomendavam.

Carpinteiros faziam caixas e caixotes sem conta para arrumar bombardas e outras artilharias e tôda a qualidade de armas e munições.

Cordoeiros fabricavam cordagens e cabos para os navios.

Quem fôsse a contar todos os trabalhos que se faziam pelo reino inteiro, nunca mais acabaria de os nomear.

Não faltavam boatos. Uns diziam que el-rei ia contra o duque da Holanda, outros que ia a conquistar a Terra Santa aos infiéis, outros que ia contra Bruges e mais cousas que inventavam; mas ninguém dava com a verdade muito bem escondida no coração de el-rei, dos infantes e dos fidalgos bons guardadores do segrêdo.

Quando a notícia de tão grandes preparativos chegou a Castela, logo vieram embaixadores a Portugal a firmar as pazes para se certificarem de que não era contra seu reino que el-rei Dom João queria ir. Do mesmo modo el-rei de Aragão enviou seus embaixadores com muitos protestos de amizade a saber se seria contra seu reino que el-rei de Portugal levantava tamanhas fôrças. Mas a todos Dom João respondia com muita cortesia, sossegando-os com seu bom modo e amizade.

O rei moiro de Granada começou então a ganhar mêdo e resolveu mandar também embaixadores a Portugal; iam estes muito bem ensinados para dar conta do que lá se fazia e para descobrir se seria Granada a terra que el-rei Dom João queria conquistar.

El-rei Dom João recebeu-os com bom modo e respondeu não entender que razões podiam ter os moiros de Granada para tais suspeitas; havia muito comércio entre Granada e Portugal e os mercadores moiros não podiam queixar-se de não serem bem tratados pelos portugueses. E com isto e sem mais explicações, os despediu.

Mas os embaixadores moiros não se deram por satisfeitos; queriam levar ao seu rei uma resposta segura. O mais esperto foi ter com a rainha Dona Felipa, cuidando que por ser mulher conseguiria dela melhor aviamento.

Os moiros casam com umas poucas de mulheres e guardam-nas em casas que se chamam *haréns*; e entre essas mulheres escolhem uma que é a mais importante. E os seus reis têm muitas, pelo luxo de as ter, e naquele tempo as mulheres moiras não gozavam de grande educação e tinham costumes muito diferentes das cristãs.

O tal embaixador apresentou-se à rainha Dona Felipa dizendo que lhe

levava recado secreto da principal mulher do rei de Granada, chamada Rica-Forra; esta moira mandava dizer à rainha de Portugal que bem sabia a fôrça que uma mulher podia ter no ânimo do seu senhor; e assim lhe pedia que preguntasse a el-rei Dom João suas verdadeiras tenções, porque, se alcançasse uma resposta segura, ela, Rica-Forra, lhe mandaria para sua filha o mais rico enxoval que jamais seus olhos teriam visto.

A rainha Dona Felipa ficou espantada de tal atrevimento; mas como era uma princeza muito bem educada e de muito entendimento, escondeu seu espanto e respondeu ao embaixador:

— Não sei quais são os costumes de vossos reis com suas mulheres, mas entre cristãos não fica bem a nenhuma rainha ou princesa ou fidalga, de se intrometer nos negócios do seu marido. Para isso tem el-rei seus conselheiros. Dizei também a vossa senhora que muito lhe agradeço seu oferecimento, mas que guarde seu enxoval para o dar a quem quiser, que a infanta minha filha, quando chegar a hora do seu casamento, terá tudo que fôr mister para seu enxoval. E vós ide fazer vosso requerimento a el-rei meu senhor, pois só êle vos poderá dar despacho.

Os embaixadores moiros não se deram por vencidos e foram ter com o infante Dom Duarte, cuidando que por ser muito novo, poderiam obter dele, com suas espertezas, o que queriam. Prometeram-lhe presentes e dinheiro se êle se quisesse encarregar de obter de seu pai uma resposta segura. Mas Dom Duarte respondeu:

— Os príncipes desta terra não estão costumados a vender sua boa vontade; se assim fôsse, melhor se deveriam chamar mercadores do que príncipes. — Ainda que el-rei de Granada me promettesse o seu reino inteiro, eu nunca pediria a el-rei Dom João, meu senhor, senão o que fôsse justo e razoável; e o vosso requerimento não é justo nem razoável, porque não chego a entender que motivo podem ter os moiros de Granada para ganharem tamanho susto.

E assim despachou os embaixadores moiros que se foram embora descontentes com as respostas que levavam.

Entretanto os trabalhos e preparativos para a guerra não afrouxavam e tudo corria muito bem quando, de repente, apareceu a peste em Lisboa. Como tinham vindo muitos navios fretados noutros países para a expedição, desconfiou-se que algum tivesse trazido a maldita doença. Bastante gente morria de peste em Lisboa, mas o tráfego não parava. O povo não sabia que guerra era aquela que el-rei ia fazer, mas todos tinham tanta confiança nêle assim como na rainha, no condestável e nos infantes, que diziam entre si:

— Vamos para diante, que o que foi destinado por tais cabeças e tais corações só pode ser para bem de Portugal.

E tal era o ardor e o entusiasmo dos infantes e dos vélhos fidalgos, que não havia homem no reino que se não quisesse alistar e partir na sua companhia. Apresentavam-se novos e vélhos, alguns ainda sem barba apontada no rosto, outros tão vélhos que só fôrça tinham na vontade. E dizia-se que os comandantes da armada, os infantes Dom Pedro e Dom Henrique, tinham grande trabalho em lhes negar lugar a bordo e as armas que pediam; porque

não podiam levar tôda a gente e tinham que escolher os que tinham idade, saúde e coragem para o serviço de tal emprêsa.

Por fim, aprontadas as armadas, mandou el-rei ordem a Dom Henrique que viesse do Pôrto com seus navios para se juntarem no Tejo com os de seu irmão Dom Pedro.

A chegada à barra do Tejo da frota de Dom Henrique, foi cousa nunca vista. Naus, galés e outros navios sem conta, embandeirados com bandeiras grandes e pequenas das côres e divisas do infante e guarnecidas de ouro. E as galés vinham toldadas de finos panos das mesmas côres; e seus capitães eram nobres senhores, todos vestidos com suas galas e tôda a sua gente com ricas librés.

Ao seu encontro foi a frota de Lisboa comandada pelo infante Dom Pedro, tão garrida como a outra, tôda embandeirada e toldada de lindas côres e ouros, e todos os homens com as ricas librés das côres do infante. Quando as duas armadas se encontraram, os navios assim tão vistosamente enfeitados cobriam o Tejo defronte de Lisboa. Tudo luzia e rebrilhava ao sol; a gente de bordo soltava grandes gritos de alegria e em cada navio havia trombetas e outros instrumentos que atroavam os ares.

O povo apinhava-se na praia e nos muros da cidade; não havia vélho ou menino ou entrevado que tivesse ficado em casa e ninguém se fartava de olhar para aquela vista que era de maravilhar, e todos riam e gritavam e mostravam o grande contentamento dos seus corações.

Tinham-se os dois infantes juntado e abraçado, tão felizes ambos de verem enfim o seu grande sonho em tão bom andamento, quando chegou perto deles um escudeiro que muito os estimava, chamado Afonso Anes, trazendo o triste recado de que a rainha tinha sido atacada de doença.

Havia poucos dias que el-rei tinha dito à rainha que partia também mais o infante Dom Duarte. Até ali cuidava ela que só Dom Pedro e Dom Henrique iriam naquela expedição. Quando soube que o marido e os três filhos mais vélhos se iam todos naquela arriscada emprêsa, cortou-se-lhe o coração. Mas como rainha que era e pelo bom sangue que tinha nas veias, não mostrou seu desgosto e só respondeu que passaria seus dias em oração e obras de caridade a-fim-de que suas rezas ajudassem seu marido e filhos e chamassem sôbre êles a protecção de Deus.

E como a peste aumentava em Lisboa, determinou el-rei partir para Odivelas com sua gente; mas a rainha que ainda tinha que fazer em Lisboa com respeito às suas obras pias, que eram muitas as esmolos que repartia e outros trabalhos de caridade, disse a el-rei que iria ter com êle uns dias depois. E, tendo-se assim deixado ficar em Lisboa, apesar da peste, mandou vir à sua presença João Vasques de Almada, fidalgo da sua confiança e lhe disse que mandasse fazer três espadas cujas lâminas fôssem do melhor aço que houvesse e as mandasse guarnecer mui ricamente de ouro, aljofres e pedras preciosas. E que assim que estivessem acabadas, lhas trouxesse.

E neste comenos, chegou do Pôrto a armada de Dom Henrique e a de Dom Pedro foi ao seu encontro com tôdas às festas e alegrias já contadas. Na mesma hora em que a rainha se ia aparamentar para receber os filhos,

lhe veio a doença e, vendo que não podia ir, mandou-lhes recado do seu impedimento.

A doença ao princípio não parecia de cuidado, mas el-rei logo ordenou tudo de maneira que a rainha partisse para Odivelas, porque a peste em Lisboa alastrava cada vez mais.

Logo ao terceiro dia de chegar a Odivelas, o mal da rainha cresceu tanto, que todos os infantes e o conde de Barcelos e todos os grandes senhores da côrte vieram para aquêl lugar; e nem el-rei nem os infantes se apartavam mais do mosteiro onde ela estava. Agora já era sabido que o mal da rainha tão santa e querida e respeitada de todos, era a peste.

Todos os cuidados da guerra naqueles tristes dias foram esquecidos; tanto el-rei como os infantes não pensavam em mais nada senão em mandar vir os melhores médicos que havia e tôda a qualidade de remédios. As igrejas estavam apinhadas de gente que rezava e fazia promessas pela saúde daquela a quem todos deviam tanto; e não faltavam missas, procissões e novenas, mas tudo mostrava que a hora tinha chegado da grande e santa rainha Dona Felipa voltar para junto de Deus.

A rainha sabia muito bem que ia morrer mas nunca deu sinal de fraqueza de ânimo ou de susto ou tristeza. Pensava em tudo; e o seu amor por el-rei e pelos infantes, nunca um só instante deixou o seu coração apesar dos sofrimentos e agonias da doença.

Mandou perguntar se as espadas estavam já prontas e mandou que lhas trouxessem assim como uma cruz feita com um pedaço da madeira santa da Cruz na qual morrera Jesus Cristo.

E tendo el-rei e os infantes em volta do seu leito, quebrou esta cruz em quatro partes e a cada um deu a sua parte recomendando-lhes que a trouxessem sempre consigo. O que todos êles fizeram até ao último dia de suas vidas.

Depois disse aos três infantes seus filhos:

— Deus sabe o grande desejo que sempre tive de vos ver armar cavaleiros e o gôsto com que esperei essa hora em que vosso pai vos alevantasse a tal honra. Mas Deus não quis que eu neste mundo tivesse tal alegria. Seja feita a Sua vontade, que Ele sabe sempre melhor o que convém.

Nisto chegou ali João Vasques trazendo as três espadas; e quando as pôs com muito respeito sôbre a cama da rainha, todos que ali estavam se maravilharam de ver tal esplendor e beleza.

A rainha pegou na espada maior, chamou o infante Dom Duarte para junto de si e disse-lhe.

— Meu filho, já que Deus vos escolheu entre vossos irmãos para serdes herdeiro dêste reino e terdes, por morte de vosso pai, o govêrno dele e da justiça do seu povo, eu vos dou esta espada e vos recomendo que ela seja sempre nas vossas mãos a espada da verdadeira justiça. Justiça com piedade, pois, sem ela, a justiça é cruel. Que esta espada vos sirva, meu filho, para defenderdes o bom povo de Portugal e para o manterdes no bom caminho do direito e da justiça; e Deus vos dê fôrça e entendimento para vos servirdes

sempre dela como convém a um bom príncipe e a um bom rei, como convém ao sangue tão nobre, honrado e glorioso que vos corre nas veias.

O infante Dom Duarte, com grande respeito e amor, pôs os joelhos em terra e beijou a mão da rainha dizendo muito solenemente que daria tôda a sua vida ao cumprimento das recomendações que acabava de ouvir e que esperava, com a ajuda de Deus, servir-se sempre bem daquela espada.

A rainha levantando a mão deitou-lhe a sua bênção e depois chamou o infante Dom Pedro e disse-lhe assim:

— Meu filho, sempre, desde menino, vos vi muito atento ao serviço e honra de donas e donzelas, o que é uma das obrigações mais sagradas entre as que pertencem à ordem da cavalaria. Ao vosso irmão mais velho encomendei o povo, e a vós, ao dar-vos esta espada, vos encomendo a protecção e defesa das mulheres dêste reino.

Dom Pedro ajoelhou e beijou a mão da rainha e disse que nunca esqueceria suas recomendações e que, nas suas mãos, aquela espada cumpriria sempre com honra as suas ordens. E a rainha levantando a mão deitou-lhe a sua bênção e pediu-lhe que, com aquela espada fôsse armado cavaleiro.

Tanto o infante Dom Pedro como o infante Dom Duarte, sustinham com grande custo as lágrimas ao escutar sua mãe. Sabiam que aquelas eram as suas últimas recomendações e que muito em breve ela os deixaria; e eram tantas as saúdaes e tamanha a dor dos seus corações que precisavam de tôda a fôrça de ânimo que Deus lhes dera, para esconderem a sua tristeza.

— Meu filho, — disse a rainha, chamando o infante Dom Henrique, — chegai-vos para cá.

E como êle era ainda tão novo, a rainha ao vê-lo tão aflito, quis sorrir para o animar. E sorrindo, disse-lhe assim:

— Guardei para vós esta última espada que é forte e rija como vós. Encomendei a um dos vossos irmãos o povo dêste reino, e ao outro as donas e donzelas; e a vós vos encomendo todos os senhores, cavaleiros, fidalgos e escudeiros. Bem sei que todos êles pertencem a el-rei que deles toma bom cuidado. Mas aconteceu muitas vezes que por informações falsas ou exigências demasiadas do povo, os reis procedem contra êles sem razão. Vós sereis o seu defensor e esta espada que aqui vos dou servirá para a defesa e protecção de seus direitos e honra. Peço-vos que com ela sejais armado cavaleiro.

E o infante Dom Henrique ajoelhou e beijou-lhe a mão; e durante algum tempo não pôde falar; e por fim disse:

— Senhora, Vossa Mercê seja muito certa que emquanto a vida me durar, terei firme lembrança de tudo que nesta hora me recomendais; e para cumprir vossas ordens e desejos, e honrar esta espada, ofereço tôda a minha vida e tôdas as minhas fôrças.

E ajoelhando, beijou a mão da rainha. Esta, ao ver a comoção e a seriedade do filho, não se pôde ter que não risse de prazer, esquecendo sua agonia. E levantando a mão, deu-lhe sua bênção.

Sentia-se a rainha cansada depois de tudo isto; mas sabendo que seu

tempo estava contado, não quis tomar repouso nenhum. E com a grande fôrça de seu espírito venceu a fraqueza do corpo.

E assim, falando com seu marido e filhos com tôda a serenidade, e como se a morte não estivesse tão perto, foi destinando tudo e pedindo a cada um o que tinha no pensamento. Pediu a el-rei que desse a sua filha única, Dona Isabel, todos os bens de que ela, rainha, gozava em vida, a-fim-de que a infanta pudesse ter casa e servidores como convinha à sua condição, sobretudo agora que a côrte ficava sem rainha. E a seu filho mais vélho recomendou muito que nunca esquecesse que seus irmãos eram os seus maiores amigos e melhores servidores, e que os amparasse e protegesse sempre. E aos dois outros infantes, recomendou que considerassem sempre seu irmão mais vélho como seu senhor e nunca lhe faltassem com seu amor e lealdade.

E assim falou com grande acêrto e sossêgo emquanto teve fôrças, não esquecendo ninguém nas suas recomendações, desde el-rei até às suas damas e criados. Para todos teve boas palavras e agradecimentos e a todos deixou consolados e amparados.

El-rei e os infantes grande trabalho tinham de conter as lágrimas; e todos os seus servidores abafavam como podiam a grande dor de perderem tal rainha.

E estando assim Dona Felipa algum tempo calada, levantou-se vento e, olhando ela para os filhos, perguntou que vento era aquêlê. Responderam-lhe que era vento norte; e ela disse:

— Creio que êste é bom vento para vossa viagem.

Ao que Dom Henrique respondeu que era o melhor.

E ela disse:

— Que estranha cousa é esta: eu que tanto desejei ver o dia da vossa partida para esta jornada de glória, e aqui estou a demorar-vos em terra! E já dêste mundo a não poderei ver.

O infante Dom Duarte respondeu que, se fôsse da vontade de Deus, ela melhoraria e venceria a doença e os veria voltar com suas esporas de cavaleiros.

E ela sorriu e abanou a cabeça dizendo:

— Do Céu vos verei, se Deus quiser. Mas a minha doença vos não estorvará a partida, que levantareis ferro em dia de Santiago.

E todos ficaram espantados de a ouvir falar assim, pois a festa de Santiago era já daí a oito dias.

Assim se passou mais algum tempo; a vida ia fugindo àquela rainha que tão bom uso fizera dela. E de repente, olhando para o ar, transfigurou-se e tôda ela resplandeceu de beleza. E juntando as mãos, disse, como se falasse a alguém que só ela via:

— Grandes louvores vos sejam dados, minha senhora rainha dos Céus, por me virdes assim visitar nesta hora!

E fechando os olhos, começou a dar sinais de agonia.

Os infantes vendo isto, pediram a seu pai que se retirasse, dizendo-lhe

que se devia poupar para a grande emprêsa onde tôdas as suas fôrças seriam precisas. Mas êle não queria:

— Como hei-de apartar-me da querida companheira da minha vida, nesta hora da sua agonia?

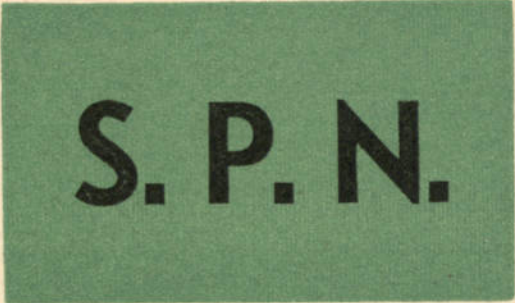
Mas os infantes chamaram os senhores do Conselho que lá conseguiram arrastá-lo para fora do aposento, lavado em lágrimas. Assim acabou aquela tão funda e verdadeira união; mas não o amor, que em todo o resto da sua vida el-rei nunca pôde esquecer o grande coração de mulher, no qual, nas horas boas e más, encontrara sempre ânimo e consolação.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA MARAVILHOSA TOMADA DA CIDADE DE CEUTA AOS MOIROS

*Virginia de Castro e Almeida escreveu
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

que se debe tener en cuenta para el estudio de los factores que influyen en el desarrollo de la actividad física en los niños y adolescentes. En este sentido, es importante tener en cuenta que la actividad física en los niños y adolescentes debe ser divertida y atractiva, para que ellos disfruten de ella y se mantengan motivados. Además, es importante tener en cuenta que la actividad física en los niños y adolescentes debe ser regular y constante, para que ellos obtengan los beneficios que esta les proporciona. En conclusión, la actividad física en los niños y adolescentes es una herramienta fundamental para promover su salud y bienestar, por lo que es importante fomentarla y promoverla en todos los niveles de la sociedad.



UNIVERSIDAD
MOROS

IN
LA

Escuela de Ciencias y Artes
S. P. N. Moros de S. Carlos